

ECONOMIA

O mínimo para girar a economia

Reajuste de 15,4% deve expandir PIB em 0,5%, com a injeção de R\$ 82,4 bilhões

Valderez Caetano

BRASÍLIA

O reajuste de 15,4% do salário-mínimo — que elevará o piso de R\$ 260 para R\$ 300 a partir de 1º de maio — vai injetar na economia nacional R\$ 82,4 bilhões, o que pode contribuir com meio ponto percentual para a expansão do Produto Interno Bruto (PIB) em 2005. Os cálculos foram feitos para o GLOBO pelo economista Claudio Dedecca, ex-presidente da Associação Brasileira de Estudos do Trabalho e pesquisador e professor do Centro de Estudos Sindicais e do Trabalho (Cesit), da Unicamp. O levantamento tomou como base os trabalhadores que ganham até dois salários-mínimos (mais de dez milhões de pessoas) e os aposentados e pensionistas (14,4 milhões).

Segundo Dedecca, o valor não é trivial. Sobretudo se comparado a cerca de R\$ 40 bilhões que o reajuste de 8,3% do mínimo em vigor jogou na economia este ano. Este valor ajudou a elevar a renda das famílias em 4,6%, percentual que deve chegar a 6% até maio do ano que vem, quando o próximo piso começará a valer. Nos 12 meses seguintes, o economista estima que o impacto do mínimo vai contribuir para aumento de 11% do rendimento familiar.

— Eu arrisco dizer que a economia pode crescer até 4%. Mas para isso será necessário que seja mantido o mesmo nível de investimentos deste ano (cerca de 19% do PIB até setembro). Também é importante que o governo invista, como está prometendo, em saneamento e habitação e que haja espaço para a redução gradual dos juros — disse Claudio Dedecca, lembrando que o governo pretende investir R\$ 9,3 bilhões em recursos do FGTS no ano que vem nos dois setores.

Trabalhador teme repasse aos preços

• A estagiária da Câmara dos Deputados Luciana Mamede, de 15 anos, será beneficiada pelo aumento do mínimo. Com o pai desempregado e a mãe dona de casa, ela não vê a hora de chegar maio do ano que vem e já fez muitos planos. Com os R\$ 260 que ganha por mês, Luciana compra material escolar, remédios e ajuda o irmão mais velho a manter a casa. Com o novo salário, ela diz que quer abrir espaço para o consumo: comprar um par de sapatos e uma cama.



LUCIANA: O novo salário-mínimo vai permitir comprar um par de sapatos e uma cama

Mesmo feliz com o reajuste, ela teme aumento dos preços em decorrência do reajuste do mínimo:

— Vou comprar essas coisas se os preços não aumentarem. Isso sempre acontece quando sobe o salário.

A empregada doméstica Lucimara Rodrigues da Silva também confessa que seu maior temor em relação ao aumento do salário-mínimo é perder o benefício para a inflação. Ela recebe

por mês dois salários, que hoje representam R\$ 520. A partir de maio, passará a R\$ 600, e ela pretende poupar parte dos R\$ 80. Lucimara reconhece ter uma situação atípica: não tem filhos, dorme no trabalho e, por isso, sempre que pode economiza para ajudar o pai.

— Estou falando com as meninas que trabalham por perto e todo mundo está adorando o salário-mí-

nimo de R\$ 300. Se as coisas não aumentarem no ano que vem, vai ser muito bom para quem ganha pouco.

Este ano foi o único em que não houve aumento de passagem e de coisas que a gente utiliza.

Dedecca explica que o crescimento maior será possível devido à concretização dos planos de Luciana e Lucimara. E os bilhões terão o efeito de mexer com a economia domé-

stica no momento em que é esperado o arrefecimento das exportações, que crescem este ano 16%, segundo o IBGE, enquanto o consumo das famílias cresce abaixo de 5%. Ele lembra que as camadas de renda mais baixa, quando têm aumento do salário, gastam prioritariamente em vestuário e alimentação.

— É o efeito-farol. Imagina esse impacto do mínimo na economia. ■

Fotos de Roberto Stuciert Filho



LUCIMARA: SEM aumento de preços, vai ser bom para quem ganha pouco

Impacto discutível

Economistas acreditam em efeito concentrado

• BRASÍLIA. Algumas correntes de economistas discordam do professor Claudio Dedecca e consideram que o impacto do aumento do salário-mínimo ficará concentrado nos 14 milhões de aposentados e pensionistas da Previdência Social. Mas reconhecem que, mesmo assim, esse universo de brasileiros faz com que o valor de R\$ 300 não seja desprezível para os rumos da economia em 2005.

O economista Lauro Ramos, do Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA), diz que o problema é que o salário-mínimo não tem um grande impacto na redução da pobreza:

— O efeito do mínimo como instrumento eficaz para reduzir a pobreza é limitado. Há muito tempo deixou de ter este efeito multiplicador.

O especialista em contas públicas Fábio Giambiagi

explica que, quando o salário-mínimo está acima da renda de grande parte da população, ele não ataca o fenômeno da pobreza extrema. Isso porque quem está abaixo da linha da pobreza ganha menos que o piso ou não tem renda. Giambiagi considera arriscado aumentar o mínimo para uma parcela da população que não poupa e dirige todo o aumento para o consumo.

— Do ponto de vista macroeconômico, o desafio que o governo tem pela frente é aumentar a poupança interna. Do lado fiscal, é perigoso repetir a prática que vem ocorrendo nos últimos dez anos de aumentos reais sucessivos para o mínimo. No Plano Real (1994), os gastos da Previdência representavam 4,8% do PIB. Este ano já estão em 7,3%. (V.C.)

Toda loja em até **12X** Sem JUROS

CASA & VIDEO

só +4 dias

Parcela mínima de R\$ 20.

Pelle

Emagrece até 7kg em 1 mês

CASA & VIDEO

COMO VEJO NA TV

CALOI

